

Ofélia

Escrito por Pâmella Figueiredo

Olá! Eu sou Ofélia. Tá bem, vocês devem ter lido o meu nome no programa e na divulgação da peça e devem saber que eu não me chamo Ofélia, e sim Pâmella. Mas hoje para vocês eu sou Ofélia.

Eu acredito que não só eu, mas muitas mulheres podem ser chamadas de Ofélia. Porque nós mulheres somos mães, filhas, trabalhamos, somos tantas em uma só (*tom irônico*), e é claro que isso é um clichê. Aqui eu me comparo e comparo a todas as mulheres à Ofélia da peça Hamlet, escrita por Shakespeare. Eu devo confessar que falar “Ofélia de Hamlet”, me incomoda, porque parece que a personagem Ofélia era propriedade do personagem Hamlet, e por mais que ela se sentisse assim, eu não quero legitimar essa apropriação de um homem por uma mulher. Primeiro que esse tipo de apropriação não é válida pra nenhuma relação homem/mulher. Segundo, o Hamlet era um babaca que tão preocupado com seus fantasmas e em vingar a morte de seu pai, não se importou com Ofélia, que enlouqueceu e se matou. Também não quero apresentá-la como filha e irmã de fula no e sicrano, Ofélia merece mais do que isso e por isso eu estou aqui hoje: (*joga um balde de água com flores sobre a cabeça*). Muito prazer, Ofélia!

Comecemos o espetáculo: Parte 1 – Asfixia (Suspensão ou dificuldade da respiração e da circulação do sangue, seguida de morte, real ou aparente, causada por estrangulação, submersão, ação de gases tóxicos etc. Ou: Falta de liberdade no exercício de certas faculdades; opressão, tirania)

Ninguém aqui na plateia tem a obrigação de conhecer Shakespeare, muito menos de ter lido ou assistido uma de suas peças, por isso eu me sinto na obrigação de lhes informar que Shakespeare

é considerado um dos maiores, ou talvez o mais conhecido dramaturgo de todos os tempos. Talvez por agradar a ricos e pobres, talvez porque em suas histórias ele não falava apenas de

Deus como nas peças da sua época. Não tenho nada contra Deus, mas é muito mais interessantes personagens com defeito.

Okay, se você não ouviu falar em Shakespeare, deve com certeza ter ouvido falar de “Romeu e Julieta”, a história de amor entre uma moça e um rapaz de famílias inimigas, a história que muito autor de novela e roteirista de filme adolescente imita, de tão famosa que é. Toda história que você vê falando sobre isso dessa forma é uma cópia de Shakespeare, sendo que ele matava todos os seus personagens no final, na maioria de suas peças, incluindo Romeu e Julieta que se matam no final, por não poderem ficar juntos.

Enfim, em Hamlet todo mundo morre no final também, porque o Hamlet em questão é o príncipe da Dinamarca que um dia vê o fantasma de seu pai e descobre seu tio Cláudio, matou o rei pra ficar com o trono, casando-se com a cunhada, Gertrudes, mãe de Hamlet. Uma verdadeira tragédia grega que só perde pra Édipo Rei, que é uma tragédia grega. Édipo sofre com uma maldição e sem saber mata seu pai e casa-se com a sua mãe e tem filhos com ela, e quando ele descobre ele arranca seus olhos, sua mãe e esposa, Jocasta, se mata enforcada, e seus filhos brigam entre si se matame depois disso e ele é obrigado a sair da sua cidade, Tebas, pra sempre, talvez não nessa ordem.

Todas essas histórias são sufocantes não é mesmo, é como o ar rarefeito de uma grande altura entrando nos pulmões, o gás da cozinha ou do escapamento do carro, a água, ou a corda que aperta o seu pescoço. Ou talvez todas às vezes que você tenta falar numa reunião mas não te deixam. Ou você tenta ser você, você quer beber, se divertir, transar com quem você quiser, mas você não pode ou quando falam que uma menina foi estuprada porque usava uma roupa curta demais. Eu sei é sufocante sempre ter homens para nos impor regras.

(Black out. As luzes se acendem de vagar. A atriz está na esquerda média – pega um manto e uma coroa e coloca em si, depois ela abre

uma bíblia e declama o fragmento de "Hamlet" em que a Rainha conta ao irmão de Ofélia, Laertes, sobre sua morte)

[FRAGMENTO DE *HAMLET*, DE WILLIAM SHAKESPEARE]

(Black out. Ao centro essa mesma mulher, sentada em um cubo, está imóvel e como uma pessoa depressiva num hospital contando como foi parar ali, com os ombros pra dentro, começa a falar um trecho de Hamlet Machine)

[FRAGMENTO DE *A EUROPA DA MULHER*, DA PEÇA *HAMLETMACHINE*, DE HEINER MÜLLER]

(Repete essa frase até que ela se torne outra e o tom de voz e sua postura mudem, para uma loucura misturada com sedução)

[FRAGMENTO DE *A EUROPA DA MULHER*, DA PEÇA *HAMLETMACHINE*, DE HEINER MÜLLER]

(Segue repetindo essa frase até repetir o texto de Hamlet Machine numa mistura de raiva, tristeza, sedução, vingança e loucura, ela é lasciva agora)[FRAGMENTO DE *A EUROPA DA MULHER*, DA PEÇA *HAMLETMACHINE*, DE HEINER MÜLLER]

(Por uma terceira vez ela repete esse texto só que agora com frases soltas e muito rápido, embebida por muito ódio indo em direção à plateia, até gritar a frase final)

Eu quero que você se foda, Hamlet!

(Black out. A mesma mulher pega um livro da Sylvia Plath lê um trecho e as luzes se apagam)

Parte 2 - Exsanguinação (processo fatal de total hipovolemia (perda de sangue). Comumente conhecido como "sangrar até à morte").

(Imagens sendo projetadas ao fundo: uma janta sendo servida com carne bem passada, imagens de pele sendo puxada do dedo, menstruação, sexo, masturbação, Arakiri, lâminas. Enquanto isso a atriz vai dispondo no palco aleatoriamente objetos tidos como

femininos: maquiagens, vestidos, lingerie, saltos, panelas, absorventes

Parte 3 – Autoimolação (Prática do sacrifício em si mesmo; ação de se sacrificar ou de infligir pena, castigo, punição em si próprio. Ação de atear fogo no próprio corpo: religioso morre queimado em autoimolação. Sacrifício que se faz por algo ou por alguém: ativista morre em autoimolação contra a poluição da Terra.)

Às vezes a gente quer por fogo em tudo

Quer que tudo queime

Quer que tudo mais vá para o inferno

Quer que tudo queime no inferno

Quer por fogo nos outros e na gente

Quer queimar

Quer se queimar

Quer se inflamar, por fogo, ficar em chamas, explodir

Explodir os políticos escrotos e suas corjas

Com um coquetel molotovi ou granada

Explodir todo homem que já te fez se sentir inferior ou te agrediu

Você quer pôr fogo na sua prisão

Atirar suas roupas no fogo

Em alguns lugares na internet dizem que essa é a morte menos dolorosa

Mas ninguém vivo pode comprovar isso

Não dá pra se dizer o que dói menos: viver ou morrer

Se há prazer na morte quando se está muito triste

Se há arrependimento

Tudo o que temos são apenas suposições

(pega um giz e risca o chão fazendo uma cruz no seu centro)

O que sabemos é que a vida é feita de ciclos

Existe uma cosmologia no Congo que divide a vida em 4 pontos

Infância, vida adulta, velhice e morte

Um ciclo infinito, porque depois que morremos renascemos

E a vida acontece no meio desses pontos, a vida é um percurso fluido

Nós mulheres renascemos todos os meses com nossos ciclos

Ciclos da lua

Nós mulheres e nossos sentimentos, nosso interior, nosso sangue, nossa dor

Somos regidos pelo luar

Parte 4 – Overdose (Dose excessiva; superdose)

(O texto é dito de forma seca, com a atriz sentada numa cadeira, como se ela tivesse lendo cartas. A cada nova fala muda-se de posição lentamente e ao fixar-se em outra pose que deve lembrar a maneira da morte, conta-se uma nova história)

Eu sou Virginia Woolf, nasci em 25 de janeiro de 1882 na Inglaterra. Quando eu tinha 6 anos meus meio-irmãos por parte de mãe Gerald e George abusaram sexualmente e psicologicamente de mim. Eu amava ver o meu pai trabalhar, vê-lo escrever me ajudou a ser o que eu me tornei mais tarde, eu admirava o trabalho dele como escritor e sua grande biblioteca. Ele me educou em casa, e me ensinou tudo que ele sabia, mas me foi negada ir a escola como meus irmãos, homens nascidos homens. Minha mãe morreu de causas naturais quando eu tinha 13 anos, meu pai começou a não ficar bem de saúde, a não dormir e a ter ataques de estresse e muita dor de cabeça, no meio disso tudo eu tive o meu primeiro colapso mental.

Comecei a escrever profissionalmente em 1900 e lancei meu primeiro livro "A Viagem". Nesse tempo foi muito difícil pra mim conviver com o meu pai se deteriorando e se perdendo da pessoa que sempre admirei. Eu o perdi pra um câncer em 1904 e entrei em colapso mais uma vez. Não fui a faculdade mas me tornei parte de um grupo: o dos Bloomsbury. Com minha irmã Vanessa, me dediquei a escrita modernista, tentando romper com todas as fronteiras da literatura de outras épocas. Conheci um amigo de meu irmão, Leonard Woolf, que também fez parte do meu grupo dos Bloomsbury, e por quem me apaixonei e casei. Vivi todo o resto da minha vida com ele e mesmo na hora da minha morte eu o amei. Também me apaixonei por Vita, outra escritora, ela também era casada, mas tínhamos no nosso caso amoroso a independência dos homens, podíamos sermos nós mesmas. Por causa dela escrevi "Orlando". Vivi muito tempo, mas a vida era cada vez mais difícil, eu vivia fases em que eu lembrava do meu pai, não queria ser um fardo para o meu marido como meu pai foi para mim. Peguei meu casaco e coloquei pedras, andei pelas ruas, me joguei no Rio Ouse. Era 28 de março de 1941, e eu afundava, afundava na água. Eu me encharcava e meu casaco pesava, a água entrou nos meus pulmões e eu parei de respirar.

Eu sou Florbela d'Alma Conceição Espanca. Eu me dei o nome pelo qual todos me conhecem e eu decidi morrer no dia em que completava 36 anos, dia 08 de dezembro de 1954. Meu pai nunca me reconheceu como filha legítima enquanto eu vivi, apesar de ter nascido de uma relação fora do casamento dele, na qual minha madrasta, que era estéril, o autorizou a dormir com minha mãe de sangue. Comecei a escrever minhas poesias ainda criança com 9, 10 anos de idade. Fui uma das primeiras mulheres de Portugal a frequentar o Liceu. Em 1912 me casei pela primeira vez com Alberto. Continuei meu trabalho de escritora que não me dava condições de sustento e em 1917 entrei na universidade. Meu aborto espontâneo, em 1918, me fez ter problemas nos ovários e nos pulmões, e eu acabei ficando neurótica. Traí meu marido, passei a viver com outro homem, deixei a faculdade de direito, me mudei com António. Comecei a fazer

algum sucesso como escritora, mas o dinheiro que ganhava ainda assim era pouco. Quando ainda estava casada com António, conheci um médico, Mário, com quem fui viver junto em 1924, fazendo-me separar de António em 1925. Uma mulher: 3 casamentos, dois divórcios e um aborto. Tentei me suicidar, não deu certo. Continuei a escrever e a fazer sucesso. Mas a morte da vontade de viver veio antes da morte física. E aí veio o anúncio: um edema pulmonar. A morte física estava próxima e eu decidi ajudar a passar a dor da alma. Tentei me suicidar em outubro e novembro, mas tinha que ser no meu aniversário, uma dose, duas, três, quantas necessárias para os barbitúricos agirem. Meus olhos reviraram, caí.

Eu sou Marilyn Monroe nasci em L.A., fui criada para Hollywood, sou filha de pai desconhecido com uma mulher divorciada que vivia longe de seus outros dois filhos, e que sofria de depressão e pela falta de condições de me sustentar. Vivi minha infância e adolescência mudando de orfanatos e lares adotivos. Fui molestada por um homem chamado Doc, homem que era pra eu ter considerado um pai adotivo e que na verdade me estuprou, usou e me descartou quando eu tinha 11 anos. Eu dependia de sua bondade e piedade, assim como a da sua esposa. Fui obrigada a deixar de estudar e a casar para ter um lugar para morar, fui obrigada a trabalhar numa fábrica de insumos para a Guerra. Lá um fotógrafo começou a tirar fotos de mulheres que trabalhavam, nenhuma foto minha foi publicada, mas eu decidi me tornar modelo. Pinteí meu cabelo de loiro e me dei o nome artístico de Jean Norman. Ganhei um contrato como atriz e mudei o meu nome artístico em definitivo para Marilyn Monroe e finalmente me divorciei. Fiz pequenos papéis até conhecer Johnny Hyde com quem tive um caso e que me agenciou, conseguindo dois papéis em filmes de destaque no cinema. Hyde conseguiu então mais um contrato com pra mim, e dias depois morreu de um ataque cardíaco, me deixando profundamente triste. Apesar dos elogios da crítica, e de ter estudado e me dedicado, os homens me viam como um objeto, e só consegui o que queria interpretando o papel de

Marilyn Monroe, fazendo o que os homens queriam e fui deixando eles pensarem que me conheciam, que nesse corpo só habitava felicidade. Minha voz se tornou sussurrada e infantil e eu me fiz de burra muitas vezes. Os homens sempre adoram achar que são mais inteligentes. Depois disso a minha carreira se resumiu a muitos filmes e papéis na TV, todos de sucesso no qual eu sempre interpretava a mulher sexy. Posei nua. Me cansei da minha imagem de burra, me cansei dos mesmos papéis em comédias e musicais. Ganhei um Globo de ouro. Abri minha própria produtora, gravei um filme independente. Fiquei grávida e abortei espontaneamente duas vezes, abortei uma vez por vontade própria de um Kennedy. Fiquei endividada e fui vítima da minha própria imagem, da personagem que criei. Tomei drogas e remédios pra apagar os pensamentos. Tomei barbitúricos e morri no meu banheiro.

Eu sou Sylvia Plath eu escrevia desde a minha infância poemas, fui pra faculdade com bolsa integral, ganhei um estágio em uma revista em Nova York, ganhei bolsa para estudar em Cambridge, na Inglaterra, me casei com um escritor inglês. Tudo era brilhante na minha vida, futuro brilhante, escritora brilhante, família brilhante, marido brilhante. Tive dois filhos, um casal de crianças lindas. Meu marido me traiu, eu me separei, fui morar sozinha com meus filhos em um apartamento, comecei a me lembrar da minha primeira tentativa de suicídio. Eu estava no primeiro ano da faculdade quando tentei tomar uma overdose de remédios. Escrevi meu único romance, "A Redoma de Vidro", falando da minha experiência internada e sendo tratada com eletrochoque. Sozinha com os meus filhos numa noite de gelada decidi pôr um ponto final na miséria que se tornou a minha vida. Isolei as crianças no quarto e me tranquei na cozinha e após tomar uma overdose de remédios, enfiei minha cabeça no forno a gás, o gás entrou em mim enquanto eu torcia pra que meus filhos vivessem, ele tomou conta de meus pulmões, não respirava.

Eu sou Dolores O'Riordan, e você com certeza já ouviu a minha música. Fui a cantora mais famosa da Irlanda, fui vocalista durante anos de uma banda chamada "The Cranberries", fui mãe de três filhos, fui esposa. Mas nada disso foi maior do que o meu sofrimento. Fui abusada dos meus 8 aos 12 anos por um amigo de confiança da minha família, isso me afetaria durante toda a minha vida. Você acredita que é culpa sua. "Enterrei o que aconteceu. É o que se costuma fazer - você enterra porque tem vergonha". "Você pensa: 'Deus, como sou horrível e repugnante. Você cria um ódio contra si mesma que é terrível. Com 18 anos, quando fiquei famosa e minha carreira deslanchou, foi ainda pior. Desenvolvi uma anorexia." Fui diagnosticada com transtorno bipolar, e "há dois extremos na escala: você pode se sentir extremamente deprimida e perder o interesse nas coisas que ama fazer, e logo se sentir super eufórica", "Mas você só fica nesses extremos por cerca de três meses, até que vai ao fundo do poço e cai na depressão." e isso "é uma das piores coisas que podem acontecer com você. (...) Quando você está transtornada, não dorme e se torna muito paranoica." Daí veio o problema na coluna, o cancelamento da minha turnê. Bebi até passar a dor e eu adormecer na banheira. Nem senti a água me invadir.

Parte 5 – Morte do desejo ou pulsão de morte ou "Thanatos" (Termo da psicanálise, cunhado por Sigmund Freud em 1920). Pulsão em direção a morte e à autodestruição, é uma "oposição entre os instintos do ego ou da morte e os instintos sexuais ou de vida". Ela se opõe a Eros, a tendência à sobrevivência, propagação, sexo e outras pulsões criativas e produtoras de vida.

(O texto é dito enquanto uma partitura corporal é realizada e repetida em diversas velocidades, nessa partitura deve conter movimentos diários feitos por mulheres como o mexer de uma panela, embalar um filho ou se maquiar)

O “não” ecoa na minha mente e no meu corpo. Eco, eco, eco. Eco da palavra, dita e refletida e repensada. Eco da palavra que machuca na cegueira, nos obstáculos que nos são impostos por nós mesmos. No escuro cego, tudo que é dito volta em intensidade da luz, machuca rápido, sem que essa seja a intenção. Um “não” que é dito repetidamente por nós mesmos por causa de todas as pessoas que nos machucaram durante toda a nossa vida ao negar ou aceitar a negação. O que parece simples pode machucar ou transformar a dor, TRANS-FOR-MADOR. A aceitação vem com o erro. Ou o erro vem com a aceitação? PER-MIS-SÃO. Sou sujeito das minhas imperfeições e da minha transformação, TRAN-GRES-SÃO.

Eu me mato todos os dias
Eu me mato
Ao ver meu reflexo
No espelho quebrado
Em mil cacos pelo chão
Eu me mato
Quando me sinto sozinha
No escuro da minha alma
No inalcançável
Do meu inconsciente
Eu me mato todos os dias
Na esperança de nascer melhor
Na esperança de crescer e morrer melhor
Na esperança de não nascer mais
De não me matar de novo, e de novo
Eu me mato
Com a faca da cozinha
Saltando sobre o carro do vizinho
Pulando da ponte de hidrogênio
Caindo na frente do trem de brinquedo
Tomando remédios
Para não mais sentir a dor
A dor de viver
E eu me mato
Enforcando tudo

Engolindo o mundo
Tentando
Tentando
Tentando não pensar
E você só pensa e pensa
E enforca com as suas mãos
Pega a corda e salta
Para a eternidade do segundo
Sem fim

[Os movimentos cessam com o fim da fala, ficam alguns espasmos,
enquanto a luz vai se apagando lentamente. Black out.]

FIM



“Ofélia”, de Pâmella de Almeida Figueiredo, está licenciado com uma licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC-BY-NC-ND). Isso significa que esta não é uma licença de "cultura livre", pois requer que "reutilizadores" creditem a criadora. Esta licença permite que "reutilizadores copiem e redistribuam o material em qualquer mídia ou formato apenas para fins não comerciais. Não poderá ser redistribuído o material modificado, como "pastiches", "remixes", adaptações ou trabalhos baseados neste. No entanto este trabalho está disponível de forma gratuita online e pode ser compartilhado desde que:

BY: a autora seja creditada como criadora deste material;

NC: apenas cópias não comerciais podem ser feitas - você não está autorizada(o) a lucrar com esta obra;

ND: Nenhuma adaptação deste trabalho está permitida.